RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O AMOR POR PRINCIPIO, E A ORDEM POR BAZE;

O PROGRESSO POR FIM

Viver para outrem — Viver ás claras

Prece á Humanidade

Pelo apostolo

RICARDO CONGREVE

Fundador da Igreja Positivista de Londres

Tradução de Miguel Lemos, seguida de alguns estratos do Catecismo Positivista de

AUGUSTO COMTE

Edição comemorativa da Festa Geral da Humanidade
Em 1º Moisés de 148
(1º janeiro 1936)

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O AMOR POR PRINCIPIO, E A ORDEM POR BAZE;
O PROGRESSO POR FIM

Viver para outrem — Viver ás claras

Prece á Humanidade

Pelo apostolo

RICARDO CONGREVE

Fundador da Igreja Pozitivista de Londres

Tradução de Miguel Lemos, seguida de alguns estratos do Catecismo Pozitivista de

AUGUSTO COMTE

Edição comemorativa da Fésta Geral da Humanidade
Em 1º Moizés de 148
(1º Janeiro 1936)

A

nóssa querida e venerada Mãi

D. LUIZA BARBOZA CARNEIRO

(decana dos pozitivistas brazileiros)

em nome de seus
filhos, nétos e bisnétos
que compartilhão de sua
Fé altruistica

Mario Barboza Carneiro.
Silvio Vieira Souto.

"A tua suave imágem (Clotilde) está destinada, talvês, a fornecer, em bréve, ás almas regeneradas, o milhór emblema do Gran-Ser" (Aug. Comte, Politica Pozitiva - tomo 4º - pag. 554).

A HUMANIDADE

reprezentada sob os traços de Clotilde de Vaux segundo os vótos de Augusto Comte (Quadro de Décio Vilares)

PRECE A HUMANIDADE

DE RICARDO CONGREVE

Fundador da Igreja Pozitivista de Londres

TRADUÇÃO DE MIGUEL LEMOS (*)

Fundador e Diretor do Apostolado Pozitivista do Brazil

Com todos os centros de nóssa fé onde quér que ezistão; com todos os seus dicipulos esparsos, com os fiéis de todas as outras religiões ou crenças quaisquér, Monoteistas, Politeistas ou Fetichistas, subordinando todas as distinções secundárias ao laço escluzivo de uma aspiração religióza comum; com toda a raça humana; isto é, com o hômem, onde quér que se ache e qualquér que seja a sua condição, subordinando tambem todas as distinções secundárias ao laço único de nóssa comum humanidade; com as raças animais que fôrão, durante a longa e trabalhôza acenção humana, os nóssos companheiros e aussiliares, como ainda o são; estejamos hoje, nésta fésta da Humanidade, unidos por uma consiente simpatia.

E não é sómente com os nóssos contemporaneos que devemos hoje estar em comunhão simpática, mas tambem e sobretudo com éssa parte preponderante de nóssa espécie que reprezenta o Passado. Comemoramos com reconhecimento os serviços de todas éssas gerações que nos legárão

---

(*) Com esta préce o falecido apóstolo Ricardo Congreve abria, todos os anos, na Igreja de Londres, a Fésta Geral da Humanidade. (Nóta de Miguel Lemos. Op. 165, do A. P. do B.)

o fruto de seus labores, dezejando transmitir ésta herança aumontada aos nóssos sucessores. Nós aceitamos o jugo dos Mórtos.

Comemoramos tambem com gratidão todos os serviços de nóssa Mãi comum, a Térra, o planeta que nos sérve de morada, e com éla o órbe que fórma o Sistema Solar, o nósso Mundo. Não separemos désta última comemoração a do meio em que colocamos esse sistema, o Espaço, que foi sempre tão propicio ao Hómem, e que está destinado, mediante uma sábia aplicação, a prestar-lhe ainda maióres serviços, pois que ele torna-se a séde reconhecida da abstração, a séde das leis superiores que coletivamente constitúem o Destino do Hómem, e como tal introduzido em toda a nóssa educação intelectual e moral.

Do Prezente e do Passado estendamos as nóssas simpatias ao Porvir, ás gerações futuras que com sórte mais felis nos sucederão sobre a Térra; tenhamo-las sempre prezentes ao nósso espirito afim de completar a concepção da Humanidade, tal como nos foi revelada pelo Fundador de nóssa Religião, pela plena aceitação da continuidade que constitui o Seu mais nóbre caraterístico.

A memória do maiór dos servidores da Humanidade, AUGUSTO COMTE, e a dos seus tres ANJOS DA GUARDA, ocórre naturalmente násta Sua mássima fésta, consagrada principalmente á memória de todos os que a têm servido, séjão conhecidos ou anônimos, e á comemoração de todos os rezultados obtidos por eles e pelos quais sobrevivem.

Oh! o mais sábio e o mais nóbre dos Méstres! possamos nós que nos proclamamos teus dicípulos, animados pelo teu ezemplo, sustentados pela tua doutrina, guiados pelas tuas teorias, vencer todos os obstáculos que a indiferença ou a hostilidade sameia no nósso caminho; possamos nós, no meio désta época revolucionária, sem nos deixar degradar por qualquér esperança de recompensa, nem desviar por qualquér insucésso dos nóssos esfórços, num espirito de submissiva veneração, levar por diante a grande empreza a que consagraste a tua vida, a empreza da regeneração humana, por meio e no seio do culto sistemático da Humanidade.

A HUMANIDADE

ESTRATOS DO CATECISMO POZITIVISTA

(Tradução de Miguel Lemos)

(3ª edição)

I — Os entes quiméricos que a religião empregou provizóriamente inspirárão dirétamente vivos afétos humanos, que fórão mesmo mais poderózos sob as ficções menos elaboradas. Essa precióza aptidão devia por muito tempo parecer estranha ao pozitivismo, por efeito de seu imenso preambulo scientifico. Enquanto a iniciação filozófica abraçou apenas a órdem material, e mesmo a órdem vital, éla não póde desvendar sinão leis indispensáveis á nóssa atividade sem nos ministrar nenhum objéto diréto de afeição permanente e comum. Mas já não é mais assim desde que éssa preparação gradual se acha finalmente completada pelo estudo próprio da órdem humana, individual e coletiva.

Ésta apreciação final condensa o conjunto das concepções pozitivas na noção única de um ente imenso e etérno, a Humanidade, cujos destinos sociológicos se dezenvólvem sempre sob o predominio necessário das fatalidades biológicas e cosmológicas. Em torno deste verdadeiro Gran-Ser, motor imediato de cada ezistência individual ou coletiva, nóssos afétos se concéntrão tão espontaneamente quanto nóssos pensamentos e ações. A idéia só desse Ser-Supremo inspira dirétamente a fórmula sagrada do pozitivismo: **O Amor por principio, e a Órdem por baze; o Progrésso por fim.** Sempre fundada sobre um livre concurso de vontades independentes, a sua ezistência compósta, que toda discór-

---

Nóta dos editores — O Catecismo Pozitivista constitui uma sumária espozição da Religião Universal, em treze conferências entre uma Mulhér e um Sacerdóte da Humanidade.

dia tende a dissolver, consagra lógo a preponderancia contínua do coração sobre o espirito, como a única baze de nóssa verdadeira unidade. E' assim que a órdem universal se rezume daqui por diante no ente que a estuda e aperfeiçoa sem cessar. A luta crecente da Humanidade contra o conjunto das fatalidades que a dominão, aprezenta ao coração, como ao espirito, um espetáculo mais digno que a onipotência, necessáriamente caprichóza, de seu precursor teológico. Milhórmente accessivel tanto aos nóssos sentimentos como ás nóssas concepções, em virtude de uma identidade de natureza que não óbsta á sua superioridade sobre todos os seus servidores, similhante Ser-Supremo ecita profundamente uma atividade destinada a conservá-lo e melhorá-lo. (Pags. 59 e 60).

*

II — Deveis definir em primeiro lugar a Humanidade como o **conjunto** dos seres humanos, passados, futuros, e prezentes. Ésta palavra **conjunto** indica-vos bastante que não se déve compreender aí todos os hómens, mas só aqueles que são realmente assimiláveis, por efeito de uma verdadeira cooperação na ezistência comum. Posto que todos nação necessáriamente filhos da Humanidade, nem todos se tórnão seus servidores, e muitos permanecem no estado parazitário, que só foi desculpável durante a sua educação. Os tempos anárquicos fázem sobretudo pulular, e demaziadas vezes florecer, esses tristes fardos do verdadeiro Gran-Ser. Mais de um vos déve ter trazido á lembrança a admirável **reprovação de** Dante, esboçada já por Horácio e reproduzida por Ariosto:

Che visser senza infamia e senza lodo.
. . . .
Cacciarli i ciel per non esser men belli,
Né lo profondo inferno li riceve,
Ch'alcuna gloria i rei avrebber d'elli.
. . . .
Non ragionam di lor, ma guarda e passa.

Vedes assim que, a este como a qualquér outro respeito, a inspiração poética antecedeu muito á sistematização filozófica. Seja como fôr, si esses parazitas não fázem realmente parte da Humanidade, uma justa compensação vos prescréve de agregardes ao novo Ente-Supremo todos os seus dignos aussiliares animais. Toda útil cooperação habitual nos destinos humanos, quando ezercida voluntáriamente, erige o ser correspondente em elemento real déssa ezistência compósta, com um grau de importancia proporcionado á dignidade da espécie e á eficácia do individuo. Para avaliar este complemento indispensável, basta imaginar que ele nos falta. Ninguem hezitará então em considerar tais cavalos, cãis, bois, etc., como mais estimáveis que cértos hómens.

Nésta primeira concepção do concurso humano, a atenção vólta-se naturalmente para a solidariedade, de preferência á continuidade. Mas, conquanto ésta seja a principio menos sentida, por ezigir um ezame mais profundo, é a noção déla que déve finalmente prevalecer, porquanto o surto social pouco tarda em depender mais do tempo que do espaço. Não é só hoje que cada hómem, esforçando-se por apreciar o que déve aos outros, reconhéce uma participação muito maiór no conjunto de seus predecessores do que no de seus contemporaneos. Similhante superioridade manifésta-se, em menores proporções, nas épocas mais remótas, como o indica o culto comovente que sempre nesses tempos se rendeu aos mórtos, segundo a béla observação de Vico.

Assim, a verdadeira sociabilidade consiste mais na continuidade sucessiva do que na solidariedade atual. Os vivos são sempre, e cada vês mais, governados necessáriamente pelos mórtos: tal é a lei fundamental da órdem humana.

Para se conceber milhór ésta lei, cumpre distinguir, em cada verdadeiro servidor da Humanidade, duas ezistências sucessivas: uma, temporária, mas diréta, constitui a vida própriamente dita; a outra, indiréta, mas permanente, só começa depois da mórte. Sendo a primeira sempre corporal, póde ser qualificada de **objetiva**; sobretudo por contraste com a segunda, que, não deixando subzistir a cada um sinão

no coração e no espirito de ôutrem, merêce o nome de **subjetiva.** Tal é a nóbre imortalidade, necessáriamente imaterial, que o pozitivismo reconhêce á nóssa **alma,** conservando este termo preciozo para dezignar o conjunto das funções intelectuais e morais, sem nenhuma aluzão á entidade correspondente.

Em virtude désta elevada noção, a verdadeira população humana se compõe, pois, de duas massas sempre indispensáveis, cuja proporção varia sem cessar, tendendo a fazer com que os mórtos prevalêção mais sobre os vivos em cada operação real. Si a ação e o rezultado depêndem sobretudo do elemento objetivo, o impulso e a régra dimanão principalmente do elemento subjetivo. Liberalmente dotados pelos nóssos predecessores, nós transmitimos de graça aos nóssos sucessores o conjunto do domínio humano, com uma estensão cada vês mais fraca proporcionalmente ao que recebemos. Esta gratuidade necessária encontra sua digna recompensa na incorporação subjetiva que nos permitirá perpetuar nóssos serviços, transformando-os.

Si bem que similhante teoria pareça constituir hoje o último esforço sistemático do espírito humano, as mais longínquas evoluções oferêcem sempre o gérmen espontaneo déla, já sentido pelos mais antigos poétas. A mínima cabilda, e mesmo cada família um pouco considerável, júlgão-se logo como a estirpe essencial déssa ezistência compósta e progressiva que não compórta, no espaço e no tempo, outros limites necessários que os do estado normal peculiar ao seu planeta. Posto que o Gran-Ser não esteja ainda assás formado, as colizões mais íntimas nunca ocultárão sua evolução gradual, que sistemáticamente apreciada, fornéce hoje a única baze possivel de nóssa unidade final. Mesmo sob o egoismo cristão, que ditava ao duro São Pedro a máxima caraterística: **Consideremo-nos sobre a térra como estrangeiros ou exilados,** vemos já o admirável São Paulo antecipar, pelo sentimento, a concepção da Humanidade, nésta imágem tocante, mas contraditória: **Nós somos todos membros uns dos outros**. Só o princípio pozitivista devia

revelar o tronco único ao qual necessáriamente pertêncem todos esses membros espontaneamente confuzos". (Pags. 72 a 76).

. . . .

Posto que o conjunto da Humanidade constitua sempre o principal motor de nóssas operações quaisquér, fizicas, intelectuais, ou morais, o Gran-Ser nunca póde agir sinão por intermédio de órgãos individuais. E' por isso que á população objetiva, apezar de sua subordinação crecente á população subjetiva, continua necessáriamente indispensável a toda influência désta. Decompondo, porem, éssa participação coletiva, vê-se afinal que éla rezulta de um livre concurso entre esfórços puramente pessoais. Eis aí o que déve reerguer cada digna individualidade em prezença do novo Ente-Supremo, ainda mais que perante o antigo. Com efeito, este não tinha realmente nenhuma necessidade de nóssos serviços quaisquér, sinão para vãos louvores, devendo, até, sua pueril avidês por eles degradá-lo aos nóssos ôlhos. Recordai-vos deste vérso decizivo da **Imitação:**

Eu te sou necessário, e tu de nada me sérves.

Poucos sem dúvida são os hômens que se pódem considerar como realmente indispensáveis á Humanidade: isto só quadra aos verdadeiros promotores de nóssos principais progréssos. Mas toda digna ezistência humana póde e déve sentir habitualmente a utilidade de sua cooperação pessoal néssa imensa evolução, que cessaria necessáriamente lógo que todos os seus mínimos elementos objetivos dezaparecêssem a um tempo. O dezenvolvimento, e mesmo a conservação do Gran-Ser, ficão, portanto, subordinados sempre aos livres serviços de seus divérsos filhos, posto que a inação de cada um deles seja de ordinário sucetivel de uma suficiente compensação. (Pags. 77 e 78).

*

III — Toda a ezistência do Ser-Supremo fundando-se no amor, único laço que reúne voluntáriamente os seus

elementos separáveis, o sêxo afetivo constitúi naturalmente o reprezentante mais perfeito, e ao mesmo tempo o principal ministro do Gran-Ser. A arte jámais poderá reprezentar a Humanidade de um módo condigno sinão sob a fórma feminina. Mas a providência moral de nóssa Deuza não se ezérce só pela ação coletiva do vósso sêxo sobre o meu. Esse oficio fundamental rezulta sobretudo da influência pessoal que cada digna mulhér dezenvólve sem cessar no seio de sua própria familia. Do santuário doméstico dimana de continuo esse santo impulso, único que nos póde prezervar da corrupção moral a que sempre nos dispõe a ezistência prática ou teórica. Sem tais raizes privadas, a ação coletiva da mulhér sobre o hómem não comportaria, por outro lado, nenhuma eficácia permanente. E' tambem na familia que se realiza uma apreciação suficiente do sêxo afetivo, do qual cada um de nós só póde conhecer de um módo real os tipos com que vive intimamente.

Eis ai como, no estado normal, cada hómem acha em torno de si verdadeiros **anjos da guarda,** ao mesmo tempo ministros e reprezentantes do Gran-Ser. A adoração secréta deles, consolidando e dezenvolvendo a influência continua que lhes cabe, tende dirétamente a nos tornar sempre milhóres e mais felizes, fazendo grádualmente prevalecer o altruismo sobre o egoismo, pela espansão de um e compressão de outro. Nóssa justa gratidão pelos beneficios já recebidos transfórma-se assim em fonte natural de nóvos progréssos. (Pags. 120 e 121).

*

IV — Dizem que cada pozitivista se glorifica a si mesmo quando honra um ente necessáriamente composto de seus próprios adoradores. Este repróche não póde de fórma alguma aplicar-se ao nósso culto privado: refére-se ùnicamente á adoração diréta da Humanidade, sobretudo mediante homenágens coletivas. Podemos, porem, repelir fácilmente similhante acuzação fundados na verdadeira noção do Gran-Ser, cuja compozição é principalmente subjetiva. Os que lhe protéstão sua gratidão não estão nada se-

guros, em geral, de ser a ele afinal incorporados. Eles apenas têm a esperança de tal recompensa, porque cóntão merecê-la, por uma carreira digna, sempre apreciada pelos seus sucessores.

Ésta retificação está plenamente de acordo com o verdadeiro espirito de nósso culto publico, no qual o prezente glorifica o passado para milhór preparar o futuro, apagando-se espontaneamente entre éssas duas imensidades. Longe de ezaltárem o nósso orgulho, éssas efuzões solenes têndem sem cessar a inspirar-nos uma sincéra humildade. Porquanto élas nos fázem sentir profundamente quanto somos incapazes, apezar dos nóssos milhóres esfórços coletivos, de nunca retribuir ao Gran-Ser mais do que uma minima parte do que recebemos dele. (Pags. 142 e 143).

*

V — Posto que cada função humana se ezerça necessáriamente por um órgão individual, sua verdadeira natureza é sempre social; pois que a participação pessoal subordina-se ai constantemente ao concurso indecomponivel dos contemporaneos e dos predecessores. Tudo em nós pertence, portanto, á Humanidade, porque tudo nos vem déla, vida, fortuna, talento, instrução, ternura, energia, etc. Um poéta, que nunca foi suspeito de tendência subversiva, fês proclamar por Tito ésta sentença deciziva, digna na verdade de similhante órgão:

> So che tutto é di tutti; e che né pure
> Di nascer meritó chi d'esser nato
> Crede solo per se.

Presentimentos análogos poderião ser encontrados nas mais antigas compozições. Assim o pozitivismo, reduzindo toda a moral humana a **viver para óutrem,** limita-se realmente a sistematizar o instinto universal, depois de ter erguido o espirito teórico até o ponto de vista social, inaccessivel ás sintezes teológicas ou metafizicas.

O conjunto da educação pozitiva, tanto intelectual como afetiva, nos tornará profundamente familiar nóssa inteira dependência para com a Humanidade, de maneira a fazer-nos dignamente sentir nósso necessário destino ao seu serviço contínuo. Na idade preparatória, incapás de uma atividade útil, cada um de nós confêssa sua própria impotência ante suas principais necessidades, cuja satisfação habitual reconhecemos que nos vem de alhures. Primeiro acreditamos que só devemos este aussílio á nóssa familia, que nos sustenta, cuida, instrúi etc. Não tardamos, porém, em distinguir uma providência mais elevada, da qual nóssa mãi não é em relação a cada um de nós sinão o ministro especial e o milhór reprezentante. A instituição da linguágem bastaria por si só para revelar-nos éssa providência. Porquanto, similhante construção ecéde todo poder individual, e rezulta únicamente do concurso acumulado de todas as gerações humanas, apezar da diversidade dos idiomas. Por outro lado, o hômem menos favorecido sente-se continuamente devedor á Humanidade de uma multidão de outros tezouros materiais, intelectuais, sociais, e mesmo morais.

Quando este sentimento é assás nítido e vivo na idade preparatória, ele póde rezistir depois aos sofismas apaixonados que sucita a vida real, teórica ou prática. Nóssos esfórços habituais têndem então a fazer-nos desconhecer a verdadeira providência ezagerando nósso valor pessoal. Mas a reflessão póde sempre dissipar esta iluzão ingrata, naqueles que fôrão convenientemente educados. Porquanto a estes basta notar que o próprio bom êzito de seus trabalhos quaisquêr depende sobretudo da imensa cooperação que seu obsecado orgulho esquéce. O hômem mais hábil e de milhór atividade não póde nunca retribuir sinão uma porção mínima do que recébe. Ele continua, como na sua infancia, a ser alimentado, protegido, dezenvolvido, etc., pela Humanidade. Sómente os ministros désta mudárão, de módo a não sêrem mais distintamente apreciáveis. Em vês de tudo receber déla por intermédio dos pais, éla transmite-lhe então seus beneficios por uma multidão de agentes indirétos, cuja maiór parte ele nunca virá a conhecer. Viver para ôutrem tórna-se, pois, para cada um de nós, o dever contínuo que rezulta rigorózamente deste fato irrecuzável: viver por ôutrem. Tal é, sem nenhuma ezaltação simpática, o rezultado necessário de uma ezata apreciação da realidade, filozóficamente apanhada em seu conjunto. (Pags. 325 a 327).

*

VI — Sob a universal preponderancia do ponto de vista humano, uma sinteze subjetiva póde assim construir enfim uma filozofia verdadeiramente inabalável, que levou a fundar a religião final, lógo que o surto moral completou a renovação mental. Desde então admirou-se a idade-média, sem deixar de apreciar milhór a antiguidade. A cultura do sentimento foi radicalmente conciliada com a da inteligência e da atividade.

Todos os nóbres corações e todos os grandes espiritos, sempre convergentes daqui por diante, concébem assim terminada a longa e difícil iniciação por que a Humanidade teve de passar, sob o império constantemente decrecente do teologismo e da guérra. O movimento modérno céssa de ser radicalmente antinômico. Sua progressão pozitiva móstra-se enfim capás de satisfazer a todas as ezigências, intelectuais e sociais, provenientes de sua progressão negativa, não só quanto ao futuro, mas tambem quanto ao prezente, do qual eu não tinha de ocupar-me aqui. Por toda parte o relativo sucéde irrevogávelmente ao absoluto, e o altruísmo tende a dominar o egoísmo, ao passo que uma marcha sistemática substitúi uma evolução espontanea. Em uma palavra, a Humanidade substitúi-se definitivamente a Deus, sem esquecer jámais seus serviços provizórios.

Eis aí a última esplicação que eu vos devia sobre o advento decizivo da religião universal, a que aspirão, ha tantos séculos, o Ocidente e o Oriente. Apezar de tal advento ainda se achar muito entravado, sobretudo no seu centro, pelos prejuizos e pelas paixões que, sob divérsas fórmas, repélem toda verdadeira diciplina, sua eficácia será sentida em breve pelas mulhéres e pelos proletários, prin-

cipalmente no Sul. Mas sua milhór recomendação ha de rezultar da aptidão esclusiva do sacerdócio pozitivo para agremiar por toda parte as almas honestas e sensatas, pela digna aceitação do conjunto da sucessão humana. (Pags. 447-48).

*

VII — As mulhéres e os proletários não pódem nem dévem converter-se em doutores, e nem eles o querem. Todos, porem, precizão compreender quanto baste o espírito e a marcha da doutrina universal, para impórem a seus chéfes espirituais uma suficiente preparação sientifica e lógica, sobre a qual repouza necessáriamente o oficio sistemático do sacerdócio. Óra, ésta diciplina intelectual é hoje por tal fórma contrária aos hábitos criados pela anarquia modérna, que éla nunca prevalecerá si o público de ambos os sèxos a não impuzér aos que pretèndem dirigir suas opiniões. Esta condição social tornará sempre precióza a propagação geral da instrução réligióza, alem de seu destino próprio para guiar cada ezistência, individual ou coletiva. Mas similhante serviço adquire agóra uma importancia capital, afim de se pôr um paradeiro decizivo á anarquia ocidental, principalmente caraterizada pela revólta intelectual. Si este catecismo pudésse convencer as mulhéres e os proletários que seus pretensos guias espirituais são radicalmente incompetentes para as altas elaborações que cégamente lhes são confiadas, muito contribuiria para a pacificação do Ocidente. (Pags. 68 e 69).

FIM